

70699

030.0568-52 (4)
* faltam dados

- 1.
2. A geração Abismo
3. Correio do Povo
- 4.
- 5.
6. 27 de novembro de 1952
- 7.
8. pág. 04
9. Bom
- 10.
11. 03/01/1992

REV LI 284
SIST. 59269

Data da coleta: 03/01/1992
 Descrição:
 Estado de conservação: bom
 III.a.3.9-

CORREIO DO POVO
 27 de novembro de 1952 pág.4

A Geração do Abismo
 (especial para o correio do povo)

Os poetas da França escrevem para o mundo. Em geral, as palavras da Europa descem sobre os Francos do mundo, pela tradição desse declive em torno da montanha de ouro que ilumina a grande noite da terra. É lento como a mesma, imperceptível dos séculos, esse processo histórico que transforma as condições da vida em cada continente. E mesmo as línguas que poderiam ser acessórios na visão total da força lírica de cada povo, mesmo as línguas influem com o segredo de sua música fechada, o prestígio de suas possibilidades sedimentadas tão naturalmente no pensamento de cada homem, que uma clarificação espontânea já está feita, e, contra que o espírito inventa com seiva profunda das regiões desconhecidas.

Porque escreve para o mundo, a mão européia tem outra atitude ao lançar sobre o papel virgem os sinais que tentam fixar um movimento digo, um momento de mistério. A mão já sabe que uma galeria imensa de aplausos aguarda o resultado de sua paciência ou de seu desespero.

Quando o humorista é famoso, qualquer palavra que saia de sua boca, por mais grave que seja no primeiro momento começa despertando o riso das assembleias, que esperava à beira dos lábios como um cavalo sob o freio. A impaciente tendência do espectador era para um riso, através da mal velada explosão inicial. Como a tendência do mundo que bebe as palavras da Europa, é para admirar, fiel em face da presença sagrada.

Em certo sentido essa situação continua. Mas acontece que, extinta a geração dos grandes poetas franceses, cujo expoente era Paul Valery, e se contarmos Claudel como uma persistência no tempo ultrapassando as fronteiras do seu mundo mais legítimo, a geração de hoje está longe de corresponder à expectativa natural entre os que esperavam pela presença de uma força nova, imprevista, nos herdeiros dessa excepcional riqueza que foi o último grupo de escritores franceses, dos quais só nos resta Claudel.

Este instante da Europa pertence a uma geração abalada pelo traumatismo da Segunda Guerra, no momento exato em que atingia a maturidade do pensamento criado.

Talvez arrastada, o que parece mais certo, pelo espírito da descrença, que formou o ambiente europeu no intervalo entre as duas guerras, e que se manifestou em tentativas para achar alguma coisa nova no terreno da literatura e dar antes, essa geração de desenraizados se cosumiu numa estranha e maravilhosa aventura, mas que não levou a nenhum destino definitivo, mas apenas enriqueceu os homens de letras com a visão de insusoeitados territórios. Nestes, até agora, tudo o que se tem feito ainda não chega a ter a plenitude de uma verdadeira conquista, por que o mistério, que é a substância a dominar o universo da poesia Moderna, a dominar, a possuir mais intimamente do que antes. Osse permanece quase inaccessível, e só raramente o homem consegue fixar e transmitir uma fração de sua presença. É todo o drama da poesia moderna, essa angústia que, pela nossa incapacidade humana, continua amparada no intransmissível.

Paul Elerard acaba de desaparecer, e com ele um dos poetas mais em voga no França da atualidade. Seu poder, através das formas mais diversas da poesia escrita, foi das mais altas. Mas sofreu, como todas de uma geração, diante do impasse criado pelas aspirações gerais, na impossibilidade de conseguir a expressão que fosse ao mesmo tempo a insondável verdade íntima, e o choque na alma do leitor subitamente em fece de uma revelação que ele mesmo já pressentia, mas que só o poeta enfim conseguia prender entre dois lampejos pelo poder da palavra.

Elerard adquiriu renome na sua existência. Seus poemas deixaram de ser a tentativa desesperada dessa conquista do mistério, numa vitória sobre o hermetismo, para reunirem a uma causa política com um calor de peixeño inesquecível.

E como a causa da França era a mesma do mundo, Elerard continua como um símbolo, ele e seus poemas, ainda vivos no coração do povo, tão vivos como o sofrimento daqueles dias de lágrimas, de cólera, de sangue e de indomável ódio.